

MICRO CRÉDITO

Número 3
Dezembro 1999
Bimestral

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIREITO AO CRÉDITO

Programa para 2000

Na Assembleia Geral de 17 de Novembro foi aprovado o programa da ANDC para o próximo ano. O objectivo de propormos à Nova Rede/BCP a concretização de 200 empréstimos (no valor total de 180 mil contos) comporta custos da ordem dos 40 mil contos para a Associação e de 42 mil contos para os nossos parceiros locais (instituições e animadores). São montantes que esperamos poder negociar com o IEFP. Por outro lado, a ANDC terá de reunir nove mil contos para provisionar o seu "fundo de garantia". É um enorme desafio, mas com o apoio de todos, acreditamos que somos capazes de lhe responder.

Conforme se lembram, na 1ª Assembleia Geral foi sugerida a mudança de estatutos, com dois objectivos: melhorar a definição do objecto da Associação e facilitar o nosso funcionamento interno. Nesse sentido procedeu-se à alteração dos nossos Estatutos, passando a ANDC a ter "por objecto a promoção do desenvolvimento pessoal, económico e social daqueles que se encontram em situação de pobreza ou exclusão social, nomeadamente através de iniciativas que assegurem o acesso e a obtenção de crédito por parte dessas pessoas, permitindo-lhes o desenvolvimento de projectos de natureza económica geradores de auto-emprego ou micro-empresas." E passou a bastar a assinatura de qualquer de dois dos três membros da direcção para obrigar a Associação. ▼



Voz aos sócios

Entramos no último mês do milénio (mesmo que para alguns com um ano de avanço), mas ainda é cedo para um balanço completo deste primeiro ano de actividade.

Não é, no entanto, cedo para apelar aos sócios. É verdade que a ANDC se pode orgulhar dos seus sócios. Foram mais de 25 os presentes na última Assembleia Geral (AG) e cerca de uma dezena os que, não podendo estar presentes, responderam ao pequeno inquérito que lhes tinha sido enviado. Quer dizer que quase um terço participou activamente na AG. Poucos se podem orgulhar de tal interesse dos sócios pela vida da sua Associação.

No entanto, a satisfação pela qualidade da participação associativa, não esconde outra preocupação: a ANDC tem crescido mais lentamente do que desejávamos. O que se reflecte no número de empréstimos concedidos (20), no número de sócios alcançado (138) e sobretudo no número de interlocutores no terreno.

Na AG de 99.11.17 aprovámos que nada disto nos deveria desviar da nossa exigente metodologia, mas ficou também claro que a divulgação do microcrédito depende de cada um de nós. Trata-se de, junto das pessoas envolvidas na luta contra a pobreza e a exclusão, dar a conhecer a possibilidade do recurso

ao crédito como forma de reinserção social e económica. Este "passa-palavra" é muito mais decisivo do que as mensagens transmitidas pelos media, ou mesmo por este Boletim, dado que o contacto individual envolve as pessoas, enquanto os media dão a conhecer sem favorecerem a reacção.

Estamos convencidos de que não alcançaremos os objectivos do programa aprovado para o ano 2000 - realizar 200 empréstimos e envolver 120 animadores locais - sem um grande empenho de todos os sócios. É preciso alargar a rede dos que conhecem e se interessam pelo microcrédito. É preciso juntar durante o próximo ano 9.000 contos para o nosso "fundo de garantia". É preciso dispormo-nos a formar animadores locais ou a acompanhar beneficiários do crédito. Tarefas de vulto. Mas que se tornam fáceis se partilhadas por muitos. Esperamos pelo teu contributo, pela tua iniciativa, pelas tuas sugestões. Esperamos sobretudo que, além da tua importante participação em termos do pagamento da quota e de donativo para o "fundo de garantia", fales a outros sobre o microcrédito. Só conversando se descobre a quem ele pode ser útil. ▼

Jorge Wemans

O microcrédito é uma parceria

VOLUNTÁRIOS Em Outubro, reunimos em Lisboa, um grupo de voluntários (sete) que vinham demonstrando desejo em participar nas actividades da Associação. Conversámos sobre o trabalho que temos realizado: sensibilização das instituições locais para que nos apresentem projectos, entrevistas aos candidatos, pedidos de crédito ao banco, acompanhamento dos projectos aprovados, organização administrativa da Associação, angariação de sócios e de donativos que alimentem o fundo de garantia. Concluímos que o melhor seria que os voluntários tomassem contacto com as várias fases do processo para se aperceberem das questões essenciais do microcrédito. E em futuras acções estes sócios (e outros que queiram vir) serão convidados a participar.

COMISSÃO DE CRÉDITO Constituímos a Comissão de Crédito (CC) da ANDC para analisar e aprovar (ou rejeitar) os projectos de candidaturas a submeter ao BCP/Nova Rede. A equipa é constituída pelos sócios Maria Viegas, João António Bello, Maria Joana Veloso e Maria de Fátima Belo, mais a pessoa da ANDC que fez as entrevistas ao candidato. A CC deverá reunir sempre que haja três processos para apreciação.

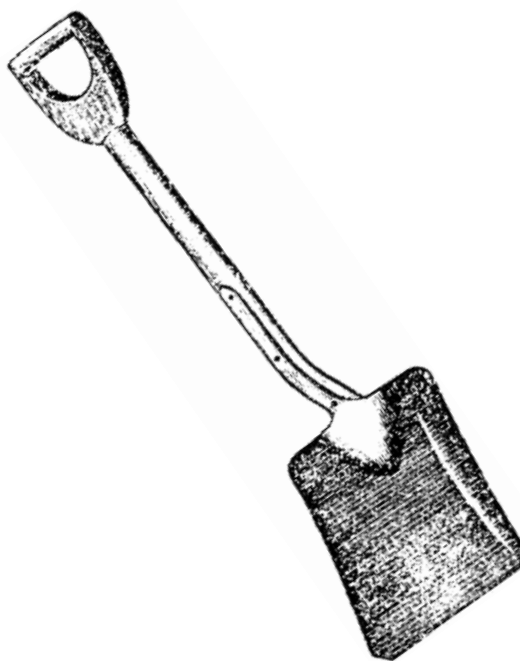
RECTIFICAÇÃO No anterior Boletim alguns dados sobre a Marisa Soares não estavam certos. Assim: o seu curso profissional foi feito no âmbito do IEFP, desenvolvido pela Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica do Porto e os seus conhecimentos de gestão foram adquiridos no âmbito do projecto NOW.O subsídio do ACPE chegou em Julho deste ano.

Não há nada como fazer para aprender. Tem sido este o nosso percurso, desde que iniciámos a acção no terreno. A nossa cabeça estava bem recheada de ideias, de muitas referências, de relatos sobre outras experiências, pensando que tudo iria correr sobre rodas.

Depressa nos apercebemos como a concretização de um projecto novo tem muito que se lhe diga: cada instituição local contactada tem o seu modo de funcionar; temos de apreciar e respeitar todo o tipo de beneficiários que se nos dirigem; precisamos de uma organização interna sólida e de um grande apoio de voluntários.

Os nossos parceiros locais foram “obrigados” a transportarem-nos para a dinâmica do mundo do real. São eles que estão no terreno e é com eles que procuramos identificar os futuros beneficiários do microcrédito. Por vezes têm lógicas e prioridades diferentes das nossas. Estão ali a conviver, a investir nos locais e a lutar contra a exclusão, num esforço de promoção do desenvolvimento pessoal, social e económico. Têm pressa em resolver as questões. Mas, por outro lado, habituados que estão a servir de bombeiros para apagar todos os fogos, têm dificuldade em arranjar tempo para responder às nossas solicitações para formalizar respostas aos nossos pedidos. Sa-

bem que existem situações urgentes, mas por escassez de recursos nem sempre podem dedicar-lhes a atenção necessária. Sabemos todos que há outras pessoas com pressa em se tornarem cidadãos com direitos e deveres adquiridos. Mas nem sempre se tem disponibilidade suficiente para trabalhar com elas.



Há também que ter em conta o risco do investimento. Quando se é excluído vive-se na vida sem rede. Acrescentar à ausência de defesas, um empréstimo para reembolsar a uma entidade bancária, poderá parecer, pelo menos loucura, sobretudo quando proliferam os subsídios a fundo perdido ou reembolsos sem juros.

Caminhamos no sentido de fazer uma sensibilização individualiza-

da a pessoas que dentro das instituições, pelas funções que exercem no terreno, tenham melhores oportunidades de passar a informação sobre o nosso trabalho. Por estas razões, temos os nossos “animadores locais” que fazendo o acompanhamento semanal do projecto são para nós a garantia muito importante do sucesso do projecto. O acompanhamento é sem dúvida a nossa grande aposta.

Quando ler este boletim já estaremos a conceder perto de duas dúzias de empréstimos, o que poderá parecer muito pouco para quem se propunha chegar ao final de 1999 com 60 casos aprovados. No entanto, para a equipa da ANDC o desafio centrou-se num início cuidado, preocupando-nos mais aprender com o que íamos realizando do que correr atrás dos números. E quisemos resistir à tentação de começar a fazer tarefas que devem pertencer a outros: às instituições locais, aos animadores e à Nova Rede/BCP. Para que a nossa Associação não aumente os custos pesados que já suporta e, sobretudo, porque acreditamos que o crescimento do microcrédito depende de existirem cada vez mais pessoas, ligadas às mais diversas instituições, que o conhecem e sabem que é resposta para os casos de exclusão com que lidam. ▼

Fátima Belo

Animadores locais um papel decisivo

A ANDC foi, nestes últimos dois meses, tema de uma série de artigos de jornal tais como os do Diário Económico, Correio da Manhã, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Capital, Público e 24horas, para nomear apenas alguns. A revista Vida Mundial publicou uma reportagem muito interessante sobre a nossa Associação e alguns dos casos já em actividade. Quando se trata de apelar à solidariedade das pessoas e a divulgar valores (re)estruturantes da pessoa humana toda a comunicação assume uma importância enorme. Contamos poder continuar a merecer a atenção dos meios de comunicação para esse efeito.

ACOMPANHAR uma pessoa/projecto é uma tarefa que se vem destacando no contexto do desenvolvimento local. A NDC participou numa Acção de Formação para Técnicos de Acompanhamento de MicroEmpresários, promovida pela Solidários, onde foi discutido o papel do acompanhante (nós chamamos-lhe "animador local") e apresentado o modelo Macteme. Partilharam-se dificuldades no acompanhamento e suas estratégias de superação. Registamos apenas algumas "dicas" importantes: o acompanhante nunca deve substituir-se ao promotor na busca de soluções; deve ter disponibilidade máxima, mas exigindo sempre um grande rigor e disciplina; o equilíbrio entre técnica e relações humanas varia consoante estamos na presença de novas empresas ou empresas já existentes.

Um dos pilares sobre que assenta a metodologia do microcrédito, tal como a ANDC o entende, é o da figura do "animador local". A este compete acompanhar a pessoa que recebe o crédito na fase inicial de desenvolvimento do seu projecto de actividade económica. Tal acompanhamento deve prolongar-se durante, pelo menos, os seis primeiros meses de arranque, de modo a aumentar a probabilidade de sucesso do negócio.

O "animador local" terá de ser alguém com grande capacidade relacional e de bom senso, de preferência com alguma experiência de gestão, capaz de ser amigo mas de ser exigente, de resistir à tentação de se substituir ao promotor - o negócio é deste - e de recorrer a especialistas se tiver dúvidas. Em suma, alguém em quem o promotor tem confiança absoluta e em quem sente que tem um apoio exigente.

Como se vê, pede-se muito a estes animadores. Mas, em todos os países em que foram feitas experiências de microcrédito, está provado que quanto melhor é

o acompanhamento, maior a taxa de sucesso dos projectos. E que os projectos de negócios acompanhados têm taxas de sucesso três vezes superiores aos que não foram apoiados desta forma.

ÉS CANDIDATO?

Porque é difícil encontrar "animadores locais" pedimos a quem se sinta com coragem para se lançar neste trabalho que nos escreva dizendo da sua disponibilidade e apresentando um CV resumido. Por projecto, o animador deve, no máximo, dispor de três horas por semana (horas que a ANDC remunera, a não ser a quem se candidate como voluntário!). O nosso objectivo é, com o tempo, dispor de um "banco" de animadores em todo o país.

Cada vez mais, a partir da nossa experiência (ainda pequena, mas...) e da experiência das associações congêneres da Europa, estamos convencidos que o papel de tais "animadores locais" é essencial para o êxito do microcrédi-

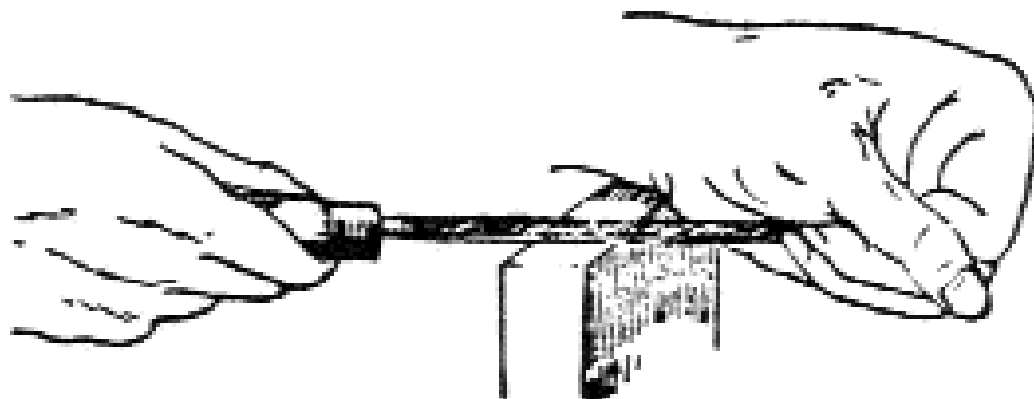
to, ou seja, para ajudar a integração dos promotores de projectos que acompanham e para a criação de postos de trabalho.

A ANDC já dispõe da colaboração de quase duas dezenas de animadores de projectos lançados com o apoio de microcréditos por nós proporcionados.

Para alguns já lá vão três meses de trabalho. Embora ainda seja pouco queremos iniciar uma série de encontros periódicos destinados a discutir, analisar e descobrir em conjunto pistas para melhorar o trabalho.

Assim, organizámos um primeiro encontro no Porto - no Seminário do Vilar - no dia 8 de Dezembro das 9h 30m às 18h 30m. Com uma equipa de animadores especializados, discutimos qual é a filosofia do microcrédito - afinal o que é isso? - e em pequenos grupos debatemos a experiência de cada um, nomeadamente através de um "estudo de caso" real. Deste primeiro encontro daremos notícia num próximo boletim. ▼

Joana Veloso



Desafios para recomeçar

Afinal,

até nos lembramos como se construíam, antigamente, as canas de pesca.

Nenhum de nós sabe construir uma cana sozinho. Mas temos sabido, nas memórias de cada um, colher os saberes necessários para fazermos as nossas primeiras canas.

Tem sido com as nossas mãos, à medida dos nossos rios, que vamos construindo as canas com os fios das mesmas teias que nos têm tido como tolhidos, assim, por qui.

Descobrimos, então, ao construirmos as nossas próprias canas de pesca, que não somos aqueles que ...

Que até sabemos pescar

Que até sabemos os nomes que os peixes têm

Que até temos muito do muito necessário para sermos.

Mas,

que os peixinhos sigam os seus caminhos porque nós cidadãos, com as nossas canas de pesca, vamos indo pescando pedacinhos de futuro que têm servido para construir o nosso presente, de pessoas, aqui.

José João Rodrigues

(Animador local de dois beneficiários)

